

PAULO RENATO DA SILVA, MARIO AYALA
FABRICIO PEREIRA DA SILVA , FERNANDO JOSÉ MARTINS
(COMPILADORES)

**LUTAS, EXPERIÊNCIAS E DEBATES
NA AMÉRICA LATINA**

**Anais das IV Jornadas Internacionais de Proble-
mas Latino-Americanos**

**Foz do Iguaçu
Imago Mundi / PPG - IELA UNILA
2015**

A busca de um conceito: resistências sociais (Uma abertura dentro da crise)

Janaína Parentes Fortes Costa Ferreira (Professora Msc. na Universidade Estadual do Piauí - UESPI; email: janafortes@hotmail.com);

Marília Luiza de Carvalho Reis (Graduanda em Direito pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI; email: marilia-luiza@hotmail.com);

Tuany de Sousa França; (Graduanda em Direito pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI; tuanyfranca13@gmail.com)

Resumo: O tema “resistência social” – conceito em construção – no âmbito acadêmico transforma-se, surpreendentemente, em resistência às manipulações das estruturas de poder, fazendo do estudante universitário o ator das movimentações sociais. Descaso com as disciplinas propedêuticas, tecnicidade da linguagem científica, tempo comprimido do mercado e o utilitarismo individualista geram o dessecamento das ciências humanas. A reflexão, o diálogo e a transformação social surgem como prementes atitudes cidadãs que devem e podem ser fomentadas nas universidades. O compromisso social do pensamento foi revelado na experiência da busca – alunos e professora – por um conceito de resistência social na disciplina Filosofia do Direito, do Curso de Direito da Universidade Estadual do Piauí (Brasil), onde as perguntas acabaram por abrir caminhos de novas ideias.

Palavras-chave: Resistência Social, pensamento crítico, compromisso social do pensamento, diálogo e reflexão.

Abstract: Under the academic scope, the theme “social resistance” – concept under construction - transforms, surprisingly, in resistance to the manipulation of the structures of power, transforming the college student into the actor of the social movements. The disregard to the introductory subjects, the technicality of the scientific language, the compressed time of the market and the individualist utilitarianism all cause de decay of the human sciences. The thinking, the dialog and social transformations arise as urgent demonstrations of citizenship that may and should be encouraged on universities. The mind social commitment was revealed during the pursuit – involving students and teacher – for a concept for social resistance on the Philosophy of Law subject for the

Law course on Universidade Federal do Piauí (Brazil), when the questions made ended up opening way for new ideas.

Key Words: Social resistance, critical thinking, mind social commitment, dialog and reflection.

Resumen: “Resistencia Social” – Concepto en la construcción - en el ámbito académico se convierte sorprendentemente, en resistencia en las manipulaciones de las estructuras de poder que hace de estudiante universitario, el actor de las movimentaciones sociales, preocupado con las disciplinas propedéuticas, tecnicismo del lenguaje científica, comprimido el tempo, el utilitarismo individualista de mercado. Sigue siendo la desecación de las ciencias humanas. La reflexión, el dialogo y el cambio social, surgen como actitudes cívicas urgentes, que deben y pueden ser promovidos en las universidades. El compromiso social de pensamiento fue revelada en buscar experiencia de estudiantes y profesores – por um concepto de resistencia social en la asignatura de la Filosofía de Derecho de la Universidad Estatal de Piauí (Brasil) donde las preguntas fueron trazados abiertos de nuevas ideas.

Palabras-Clave: Resistencia Social, pensamiento crítico, compromiso social del pensamiento, dialogo y reflexión.

Considerações iniciais

Na maioria das universidades hodiernas, observa-se que o estudo engajado com a realidade social está cada vez mais distante, visto que as matérias propedêuticas são inseridas quase que exclusivamente nos períodos iniciais e vão sendo substituídas por disciplinas que se prendem a uma transmissão técnica e se adequam às exigências utilitaristas e pragmáticas do mercado. A realidade do ensino jurídico não é diferente, dado o dogmatismo e o positivismo que cercam o direito, afastando a possibilidade de, quase sempre, tal ciência repensar a sociedade de forma crítica. O presente estudo tem como objetivo colocar na mesa o tema “resistência social” e observar que isso é – igualmente –, uma atitude de resistência nas universidades contemporâneas; pretende-se a metalinguagem como um processo autorreflexivo, um mecanismo de produção de sentido que estimula interpretações e o enfrentamento de si e do mundo.

Este artigo busca ainda mostrar como o estudo sobre “resistência social” nas universidades contemporâneas, assim como todo o estudo de base propedêutica que visa à formação do pensamento crítico do indivíduo, pode ter fundamental importância no desenvolvimento e engrandecimento individual. Não se vai restringir a falar de todos os tipos de resistência social e suas devidas causas e motivações, uma vez que cada forma de resistência social tem sua individualidade e uma importância específica na abordagem de uma problemática. Afastando-se da individualidade para a generalidade, propõe-se que o leitor crie um método socrático de questionamento das verdades já impostas pelo meio social. Pensar é resistir, nas palavras de Foucault.

Também Hans Georg Gadamer, em sua hermenêutica jusfilosófica, propõe ao sujeito que se afaste da esfera sagrada de conceitos prévios no processo de interpretação de textos. Este ensaio procura apresentar o pensamento Gadameriano, não se limitando apenas ao cunho textual, mas abrangendo a interpretação da complexa realidade que cerca o indivíduo, assim como também a autocompreensão de quem interpreta.

Apontamentos sobre resistência social: encadeando ideias

A fim de entender o presente tema deste artigo, precisa-se estabelecer uma definição importante: o que é resistência social e qual a importância da observação dessa temática no âmbito das universidades contemporâneas? De forma generalizada, a resistência pode ser entendida como um movimento de ruptura tendo em vista a construção de novos sentidos, subvertendo uma ordem posta. Analisar um fato que ocorre dentro da sociedade e caracterizá-lo como resistência social é um interessante exercício de questionamento que proporciona ao observador uma reconstrução de sentidos, possibilitando a construção de um pensamento crítico capaz de se distanciar da multifacetada realidade social a fim de repensá-la.

Para melhor perceber a resistência social como um processo importante de questionamento de valores, é útil recorrer a um exemplo histórico que facilitará o entendimento do leitor. Um grande exemplo de resistência social é aquele que persistiu durante muito tempo na África do Sul: a luta contra a segregação racial. A África do Sul, habitada por inúmeras tribos negras, foi, posteriormente, habitada por vários povos estrangeiros em busca de riquezas, a exemplo dos ingleses e holandeses.

Em 1911, a diferença de poder econômico entre os estrangeiros e os negros era discrepante, fazendo com que os primeiros tivessem também poder político e jurídico dominante. Então, estes, dotados de poder, impuseram uma lei que restringia os direitos da maioria negra. Foi então que a resistência negra fez-se forte naquele país. Os ativistas reagiram fundando, no ano posterior, o Congresso Nacional Africano (CNA): partido político em defesa dos direitos do povo africano. Porém, o governo racista avançou em contra-ataque e decidiu oficializar o *apartheid* - uma política segregacionista que obrigava os negros a habitar em ambientes separados dos brancos, e viver uma vida toda segmentada em lugares para uma ou outra raça. Além disso, proibia os negros de ter posses de terra em 87% do território nacional e de participarem da política.

Durante esse período de *apartheid*, tiveram dois massacres. O massacre de Sharpeville, enquanto os negros participavam de uma passeata pacífica e o massacre no bairro negro de Soweto, nos anos de 1970. Esses dois acontecimentos chocaram profundamente a opinião pública. Surgiu, também, a figura de Nelson Mandela, líder e advogado do CNA, que ficou preso durante 27 anos.

Devido os fatos supracitados, tanto os Estados internacionais quanto a própria comunidade nacional sentiram necessidade de interferir para buscar a paz e impedir que esse movimento de segregação racial espalhasse pelo mundo e se tornasse uma ideologia ainda mais forte. O mundo, que já teria visto os fatos ocorrerem com os pensamentos etnocêntricos nazistas, precavia-se de uma repercussão altamente perigosa, especialmente no próprio continente africano, dotado de países com dominação estrangeira.

A comunidade nacional reagiu intervindo economicamente, no governo da África do Sul, e a Organização das Nações Unidas (ONU) suspendeu o comércio de armas ao país. Em decorrência, os negros sul-africanos, por sua vez, renunciaram a resistência pacífica e partiram para o combate. Com a intervenção internacional que o país recebeu, em 1990, o governo sul-africano libertou Nelson Mandela, admitiu a volta do CNA à legalidade e anulou as leis segregacionistas, concedendo aos negros a igualdade de direitos civis e políticos. Assim, com forte pressão sobre o Estado, era o fim do *apartheid*. Em 1994, ocorreram eleições presidenciais na África do Sul e Nelson Mandela, que tinha sido atormentado em 27 anos de prisão, ícone do movimento, foi eleito presidente.

Citar o *apartheid* é crucial para se entender o tema deste presente artigo. Esse episódio em sua grandiosa história, revelou fatores importantes que dão a essência de uma resistência social e demonstrou, também, a repercussão mundial de um caso particular de um país. O movimento de

resistência, representado neste caso por Nelson Mandela e o CNA, entra em conflito com a ordem segregacionista que foi imposta. A resistência social destes demonstra a possibilidade de transformação do status quo pela resistência do oprimido.

A partir do momento que qualquer indivíduo, fora ou dentro daquele país, coloca-se como sujeito questionador, ele promove a crítica. Tal crítica instiga e eleva o indivíduo a se contrapor ao que já se conhece como certo e ao que já se conhece como errado. Para isso, é preciso afastar-se de pré-conceitos anteriormente impostos. Na continuação deste artigo, citar-se-á filósofos que influenciaram esse tipo de pensamento individual que propõe interpelar. Conhecendo-se o objeto, distancia-se do mesmo para compreendê-lo, ampliando, assim, a visão do mundo.

Conhecendo a importância da crítica para o indivíduo, necessita-se falar desta atitude vista como uma metalinguagem. Assim definida por Jakobson, estudioso das funções da linguagem, “a função metalinguística seria aquela em que a linguagem é empregada para falar de si mesma”. Esta é como um processo autorreflexivo, uma vez que propõe ao leitor produzir significados e suscitar interpretações. Neste estudo, a linguagem textual foi adaptada para se concretizar nas experiências reais. A geração de uma forma de resistência social (ligada ao pensamento e ao questionamento), provocada pelo estudo das formas de resistência social. O estudo desta promove aquela.

O ensaio da temática resistência no âmbito acadêmico

A capacidade de autorreflexão é uma virtude fundamental que deve ser desenvolvida em qualquer ser humano. Esse fato traz uma problemática dentro da maioria das universidades contemporâneas. Conhecendo a realidade do processo de instrução e formação do indivíduo no âmbito acadêmico, percebe-se a questão aqui discutida: o abandono da necessidade de formar um indivíduo capaz de repensar a sociedade e as relações interpessoais que nela ocorrem.

Necessita-se mostrar não a total ausência de métodos que iniciam o indivíduo na atividade reflexiva, pois as universidades contam com tais métodos, visto que possuem disciplinas de cunho humanístico. O problema decorre da falta de importância que é dada a tais disciplinas no decorrer do processo de formação.

Especificando em um exemplo e transpondo para o curso de Direito, pode-se perceber que, de fato, matérias humanísticas são estudadas, como hermenêutica, filosofia, sociologia e antropologia.

logia jurídicas e possuem o objetivo de tornar o ser, indivíduo pensante. Porém essas disciplinas restringem-se aos períodos iniciais. No decorrer do curso prevalecem conceitos e práticas de ordem técnica tendo em vista adequar-se muito mais ao utilitarismo e ao pragmatismo do mercado do que ao engajamento com a realidade.

As matérias humanísticas possuem fundamental interação com as demais ciências jurídicas. Aquelas, nesse sentido, dispõem da função de pensar aquilo que as ciências especializadas não têm prioridade em conhecer. E, por isso, diante do amplo horizonte de análise, a matéria humanística é capaz de criticar, orientar e analisar contribuindo para o estudo específico das ciências do direito. Assim, cumprem elas a tarefa de avaliar os processos de transformação de ideias em leis.

Visto os fatos elencados acima, percebe-se a importância de tratar o tema do presente artigo. Ao estudar resistências sociais dentro do ambiente acadêmico, provoca-se a consequência que se almeja. Abre-se um fio condutor a superar o tecnicismo. Fio este que potencializa a capacidade de acabar com a alienação do indivíduo em formação na medida em que o torna apto a analisar e refletir os fenômenos sociais, ou seja, dar ênfase a outras necessidades epistêmicas em detrimento de prender-se somente a uma formação técnica e científica.

Uma resistência social carrega uma ideologia, neste momento, o conceito é algo abstrato. Quando esta se torna um movimento, em que ocorre a concretização das ideias em fatos, as ações modificam a face do mundo. Ao estudar esse processo, o indivíduo torna-se capaz de mudar as estruturas sociais. O processo dá-se quando: ocorre uma resistência social, o ser aceita a sua existência, entende a sua motivação e se permite ter alteridade (capacidade de se colocar no lugar do outro). Cria-se um pensamento crítico da situação e gera a aptidão de refletir e materializar discursos no dever do profissional de ser um agente com compromisso social.

A resistência do pensamento

Na frase: “pensar é resistir” encontra-se a essência de parte do trabalho do filósofo francês Michel Foucault. Na elaboração de algumas de suas obras o elemento “resistir” torna-se potencial natural do ato de pensar. A experiência do pensamento em Foucault é um lugar privilegiado de resistência, que liga reciprocamente as relações interpessoais e intrapessoais.

O pensamento proposto pelo filósofo mostra uma perspectiva diferente, uma vez que estabelece distinção entre o trabalho do pensamento e o trabalho do conhecimento. O trabalho do conhe-

cimento, percebido nas práticas educacionais modernas, resume-se à transmissão de verdades científicas, presas em um dogmatismo que não conduzem às condições de humanização e liberdade do sujeito. Já o trabalho do pensamento, valorizado por Foucault, conduz ao pensamento reflexivo que questiona as formas das relações sociais e possivelmente possibilita suas mudanças.

[...] Na realidade, o que quero fazer, e aí reside a dificuldade da tentativa, consiste em operar uma interpretação, uma leitura de certo real, de tal modo que, de um lado, essa interpretação possa produzir efeitos de verdade e que, do outro, esses efeitos de verdade possam tornar-se instrumentos no seio de lutas possíveis. (FOUCAULT, 2003: 278)

Assim é que o trabalho do pensamento torna-se uma espécie de atitude ligada ao despertar humano da verdade. A subjetivação do mundo, na interpretação dos fatos, conduz o indivíduo à verdade. Verdade esta que será empregada nos seios das lutas, nos movimentos humanos, nas resistências sociais. O pensamento não se conformaria com as coisas do mundo, cabendo a ele transgredi-las e recriá-las.

Finalmente, na concepção do filósofo, o pensamento é um dos lugares da resistência. Foucault nos provê formas singulares de conceber e operar resistências. Mais do que analisar resistências, é preciso inventá-las, fazendo do trabalho intelectual uma forma de resistência, ou seja, pensar é resistir.

A experiência hermenêutica Gadameriana na compreensão de si e do mundo: diálogo e fusão de horizontes

Colocar em foco a análise do tema resistência social é antes de tudo, uma atitude interpretativa e um posicionamento diante da realidade a fim de compreendê-la. Nesse sentido, as reflexões do filósofo alemão Hans Georg Gadamer, em sua obra *Verdade e Método*, são imprescindíveis a esse estudo à medida que trazem o conceito de experiência hermenêutica para se pensar e repensar os movimentos de resistência dentro da sociedade.

É basilar demonstrar alguns conceitos básicos da hermenêutica gadameriana para compreender a relação da mesma com o tema em estudo. Para Gadamer, aquele que quer fazer uma interpretação ou posicionar-se por meio de um comportamento reflexivo num ato de compreensão, seja de um texto ou da realidade que o cerca, deve adotar uma atitude de alteridade: o reconhecimento diante do estranhamento do outro daquilo que é próprio a si mesmo. Ou seja, um processo dialógico de alargamento do ponto de vista próprio a partir do encontro com o ponto de vista dos outros.

O ponto de partida da hermenêutica gadameriana é o reconhecimento de que, no processo interpretativo, importa que o hermeneuta tome consciência de suas opiniões, de seus próprios pressupostos herdados da tradição, pois o homem está lançado em um contexto histórico-cultural e é determinado pelos fatores de tal conjuntura como a educação, a política e a sociedade. E, é esse reconhecimento que permite o diálogo com os pressupostos do outro.

Desse diálogo nasce o que Gadamer chama de fusão de horizontes, em que do confronto com algo diferente de si surge uma autocompreensão e autocrítica, pois, a abertura para a compreensão do outro só se faz à medida que nós examinamos e questionamos nossos próprios preconceitos, já que são estes que lançam nossa compreensão no mundo. Assim, toda nova experiência instaura novos horizontes de compreensão, possibilitando uma alteridade que amplia nossa compreensão do mundo e das nossas possibilidades próprias.

A busca da verdade e do conhecimento em Gadamer relaciona-se com a experiência do homem no mundo, uma experiência hermenêutica que não pode se prender às formas rígidas de ser e pensar, que, ao pretenderem a neutralidade, não levam em conta a historicidade, a tradição e o contexto de quem interpreta. Essas formas rígidas muitas vezes fecham o evento da experiência, pois anulam as inúmeras relações de sentido que podem surgir da fusão dos horizontes do intérprete e do objeto da interpretação.

Na análise dos movimentos de resistência social, não somente no âmbito acadêmico, mas, referindo-se também a uma atitude interpretativa em múltiplos contextos, a abertura ao diálogo, ao novo e ao diferente, torna-se condição essencial para ampliar a visão de mundo, ou, para utilizar um termo de Gadamer, “adquirir novos horizontes de sentido”.

Também aqui se torna claro que o homem que compreende não sabe e nem julga a partir de um simples estar postado frente ao outro sem ser afetado, mas a partir

de uma pertença específica que o une com o outro, de modo que é afetado com ele e pensa com ele. (GADAMER, 2008: 425).

Nas sociedades contemporâneas, onde predominam conceitos de ordem técnica, na maioria das vezes a importância do diálogo é desconsiderada, e isso dificulta a interação entre os sujeitos e a compreensão do horizonte existencial de cada um. O reconhecimento da verdade do outro conduz ao respeito pela liberdade de manifestarem-se em seu próprio modo de ser e também conduzindo à tolerância enquanto atitude necessária para que se deixe que as diferenças se manifestem. Estes são frutos que decorrem do diálogo, da fusão de horizontes propostos na experiência hermenêutica de Gadamer.

Dessa forma, a experiência hermenêutica como alteridade, ou seja, conhecimento do outro, por meio de um processo dialético, é fundamental para o engrandecimento do indivíduo enquanto participante de uma realidade multifacetada, pois tal experiência gera uma provocação frente aos preconceitos que se tem, questionando-os e muitas vezes reelaborando-os. Da articulação entre o eu e o outro surge a capacidade de reflexão, de repensar com um olhar mais crítico, de uma prática humana e social que implica na disposição em pôr à prova os nossos próprios preconceitos para que sejam transformados pelas novas compreensões a que se abre e para que se amplie a compreensão de mundo e das possibilidades próprias.

O esclarecimento Kantiano: Instrumento emancipatório do indivíduo

Immanuel Kant, no seu estudo filosófico, direciona parte das suas reflexões para uma questão que será útil neste artigo conduzindo a melhor conexão entre o estudo da temática resistência social e a formação do pensamento crítico: o esclarecimento. Este é conceituado pelo filósofo como “a saída do homem de sua menoridade. [...] Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento”.

Então, o esclarecimento é o engrandecimento individual, uma espécie de maioridade intelectual que possibilita ao indivíduo sair da ignorância, sair da inércia para pensar por si. Kant revela que é cômodo ser menor, visto que é mais fácil acreditar no que é imposto do que se colocar a questionar. Como assevera Kant: “Não tenho necessidade de pensar quando posso simplesmente pagar; outros se encarregaram no meu lugar dos negócios desagradáveis”.

Na facilidade de sempre absorver ideias de outrem, faz-se o uso de preceitos e fórmulas que preconizam uma forma de transmissão mecânica de conhecimento, surgindo uma cadeia de eterna menoridade. Essa facilidade e rapidez de reprodução de conhecimento engessa a transformação do espírito para empreender uma marcha segura para que atinja o esclarecimento.

Kant enfatiza que a liberdade é fundamental para o esclarecimento do indivíduo, pois quando este faz o uso da mesma, torna-se capaz de expressar seu próprio pensamento, avaliar racionalmente os valores e reconhecer que cada um pode pensar por si mesmo. Porém, as revoluções e movimentos sociais não trazem o esclarecimento, e sim a formação de um novo preconceito, como este explica:

Um público só muito lentamente pode chegar ao esclarecimento [*<Aufklärung>*]. Uma revolução poderá talvez realizar a queda do despotismo pessoal ou da opressão ávida de lucros ou de domínios, porém nunca produzirá a verdadeira reforma do modo de pensar. Apenas novos preconceitos, assim como os velhos, servirão como cintas para conduzir a grande massa destituída de pensamento. (KANT, 2005: 02).

A resistência não gerará reforma do modo de pensar, por que esta reforma se dá lentamente, como Kant já afirmara. A consequência imediata destas resistências revolucionárias é o findar de opressões, ou da dominação do poder de uma ideologia. O esclarecimento só vem como consequência a posteriori, num processo moroso e duradouro. A própria revolução não reforma o modo de pensar subitamente, mas fornece a motivação necessária para o início de tal reforma. Ou seja, quando o indivíduo adquire uma posição ideológica e muda seus conceitos, ele não está, necessariamente, formando consciência crítica. Esta só se forma quando o ser se propõe a ver além da realidade que o cerca e passa a questionar seus posicionamentos.

Adquirida a liberdade, o indivíduo pode se questionar sobre tudo aquilo que o mantinha menor e não o elevava para o esclarecimento. Todos os conceitos e fórmulas já formados que desde o nascimento o ser já concebe como verdadeiro e inquestionável. Assim, valores acabados que influenciam totalmente no modo de pensamento, como: classe social, religião, nacionalidade, profissão, política. Qualquer tipo de simpatia ou desprezo induz no julgamento de qualquer fato, ato ou pensamento.

Reflexão e prática: a construção

Durante o desenvolvimento desse artigo, procurou-se demonstrar a importância do estudo do tema “resistência social” para formação do pensamento crítico do indivíduo dentro do âmbito acadêmico. Esta experiência foi vivenciada no decorrer da ministração da disciplina Filosofia do Direito, no Curso de Direito da Universidade Estadual do Piauí. A análise da temática empreendida durante um semestre letivo, somada às inúmeras relações de sentidos e experiências compartilhadas entre discentes e docentes, propiciaram uma transformação na metodologia tradicional de ensino.

A disciplina desenvolvida na sala de aula foi construída através da prática bilateral entre professor e aluno. A busca por um conceito de “resistência social” transformou-se no objeto primário, uma vez que se buscava questionar, interpor e apresentar diversos entendimentos, múltiplos olhares. A partir disso, o diálogo tornou-se possível e concreto, deu-se ao aluno autonomia no processo de produção do conhecimento.

Através da ampla possibilidade do estudo, foi possível fazer um trabalho de forma abrangente, que se mostrou, surpreendentemente, multifacetado. Cada aluno buscou estudar uma manifestação da resistência social e a partir dela construir um conceito – seu próprio entendimento sobre o objeto. O que se mostrou, por meio desse trabalho, foi a pluralidade de concepções e a potencialidade de transformar aquele ensaio em um instrumento realmente fomentador do compromisso social do pensamento.

A prática educacional realizada com o estudo das mais variadas manifestações de resistência social procurou valores e princípios comuns, cominando na formação de um conceito: “resistência social”, aquilo que é imposto pela maioria da sociedade aos indivíduos e estes o repelem, atribuindo novos sentidos.

Dentre os resultados decorridos do estudo feito na universidade, nota-se a criação de um Blog, espaço aberto democrático de livre manifestação, tornando possível o compartilhamento das ideias desenvolvidas no período letivo com o público em geral. Abre-se o processo de conhecimento que não é restrito apenas ao âmbito acadêmico, mas a todas as pessoas, promovendo o conhecimento libertador.

Os conceitos construídos em sala serviram de base para a produção, pelos alunos, de doze artigos científicos, cada um com aprofundamentos de formas de resistência social notadas na soci-

idade. Dentre eles, quatro, incluindo este, foram aprovados para apresentação na IV Jornadas Internacionais de Problemas Latino-americanos tendo com temas: “A resistência que vem da aldeia”; “Justiçamento: o espetáculo urbano (a vingança privada da atualidade)” e “Grafitti: diálogo estampado de cores”.

Pôde-se perceber, à luz da experiência vivenciada, que a pesquisa poderia alcançar horizontes ainda mais distantes. Um novo olhar foi usado como instrumento capaz de aproximar o estudo feito em sala de aula à concreta realidade, interferindo nesta. Na busca de fazer interagir os resultados alcançados no âmbito institucional com o mundo social, transcendendo as barreiras dos muros universitários, foi elaborado o projeto de extensão “Grafitti: diálogo estampado de cores” cuja essência consiste no uso da linguagem do grafitti – impactante manifestação de resistência social – como meio capaz de denunciar uma realidade socioeconômica conflituosa.

A proposta do projeto é apropriar-se do espaço público da universidade, criando um espaço democrático de diálogo entre a arte-denúncia e os atores sociais com ela envolvidos: grafiteiros da cidade de Teresina, criadores da arte visual na cidade (fotógrafos, artista plásticos e de intervenção urbana), docentes e discentes dos cursos das Ciências Sociais Aplicadas e Humanas e funcionários da Universidade Estadual do Piauí. Percebe-se o quanto é importante essa abertura do conhecimento, superando uma sacralizada formação restrita a manuais e conceitos de ordem técnica, e fazendo do sujeito universitário ator das movimentações sociais.

Conhecer as diversas formas de resistência social se tornou, dentro de um pequeno ambiente universitário, uma atividade contínua. A cada resposta encontrada, surgem novas questões e desafios. Estudar resistência social significa transformação do pensamento, tão fundamental para apresentar ao homem os seus verdadeiros conflitos.

Conclusão

Embora, neste artigo, repetidas vezes tenha-se enfatizado sobre como os conceitos já formados são uma barreira para a reflexão e interfere o pensamento crítico humano, intenta-se mostrar que é impossível o abandono total de qualquer valor pessoal, e nem é o que deve ser buscado. Na medida em que o indivíduo, através do seu trabalho de pensamento, da sua hermenêutica jusfilosófica, do seu esclarecimento ou de qualquer meio que busque a autocrítica, tem a propriedade de reconhecer seus próprios dogmas pessoais e interiores, ele se torna engrandecido. Um indiví-

duo com total potencialidade de aplicar com maestria todas as fórmulas e preceitos do seu aprendizado científico, tornando, assim, o profissional que as idealizações éticas e morais empenham-se em formar.

As sociedades contemporâneas, marcadas pelo predomínio de conceitos de ordem técnica, necessitam cada vez mais de iniciativas que conduzam os indivíduos a repensar, de forma crítica e engajada, a realidade que os cerca, empreendendo um movimento de resistência racional e de reflexão diante de uma propensão à mera aceitação das coisas como elas são. Nessa abordagem, o indivíduo torna-se um sujeito ativo, construindo seu conhecimento a partir de conceitos socialmente elaborados, levando-o a dialogar, pensar e repensar, e, conseqüentemente, elaborar seus conceitos.

Logo, visto a relevância do compromisso social do pensamento, propõe-se que todas as reflexões que foram expostas nesse artigo, não se encerrem no mesmo e no pequeno ensaio feito em uma disciplina semestral no âmbito restrito da sala de aula. Abre-se aqui a possibilidade de estender o legado construtivo da análise do tema resistência social como uma atitude que deve ser fomentada na sociedade como um todo.

Referências Bibliográficas

Disponível em: <<http://www.inquietude.org/index.php/revista/article/view/146/185>>. Acesso em: 11 Jul. 2014.

Disponível em: <http://ftd.li/xmsdmi>. Acesso em: 10 Jul. 2014

Disponível em: <http://filosofiadodireitousespi20141.wordpress.com/> Acesso em 11 Jul. 2014. (Blog produzido a partir da experiência vivenciada em sala).

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder, saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Ditos & escritos IV).

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

JÚNIOR, Alfredo Boulos. **História Sociedade & Cidadania**. 2. ed. São Paulo: FTD, Volume único, 2013.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?** Textos Seletos. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3. ed. Petrópolis. Editora Vozes, 2005.

LEHER, Roberto; SETUBAL, Mariana. **Pensamento crítico e movimentos sociais: diálogos para uma nova práxis**. São Paulo: Cortez, 2005.